

NOS GRUPOS DE ALCOÓLICOS ANÔNIMOS, OS COMPONHEIROS OUVEM, MAS TAMBÉM FALAM.

Dr. Laís Marques da Silva

Custódio não alcoólico por nove anos e seis como Presidente da JUNAAB

Pode ocorrer que, quando um alcoólico, estando na ativa, decida procurar caminhos que possam ajudá-lo a resolver o seu problema e encontre instituições de ajuda voltadas para esse fim e ao frequentar alguma dessas instituições, o alcoólico venha a ouvir palestras que sejam esclarecedoras e em que também se procure aconselhar em relação a atitudes que o alcoólico precise adotar diante do seu problema. Acontece que, quase sempre, ele fica na condição de ouvinte ou, ocasionalmente, vai ter oportunidade de se expressar, mas usualmente de forma limitada.

Mas, estando em um grupo de Alcoólicos Anônimos, o alcoólico encontra o espaço necessário e indispensável para reiniciar a comunicação com os outros companheiros porque fica imerso num silêncio respeitoso e recebe uma dedicada atenção que lhe transmite, ao ser acolhido, a mensagem de que tem valor e que, por isso, é ouvido atentamente ao fazer o seu depoimento; ele também fala. Essa volta à comunicação cria condições para que ocorra um enorme progresso nas relações com os outros membros do grupo que leva a uma mudança profunda de comportamento.

Portanto, de modo bem diverso, nos grupos de Alcoólicos Anônimos, cada membro oferece, ao fazer o seu depoimento, as suas experiências pessoais dentro de um ambiente em que não se faz qualquer comentário em relação a depoimentos anteriormente realizados e nem mesmo ao que está em curso, ou seja, não se fazem juízos críticos ou julgamentos. Nenhum depoimento é interrompido e, dessa maneira, são criadas as condições necessárias para que as falas sejam feitas livremente, sem restrições; o alcoólico também fala. Acresce que, como todos os presentes tiveram experiências semelhantes e, das experiências que não tiveram, já ouviram falar em depoimentos feitos anteriormente por outros alcoólicos, não existe qualquer reação hostil ou de desagrado em relação ao depoente. Eles não se escandalizam, não há uma reação do tipo: como você foi capaz de? Essa atitude de não reação por parte dos membros dos grupos pode até dar ao depoente a errônea impressão de indiferença diante dos fatos que são relatados. No entanto, ela é fundamental para que aquele que faz o seu depoimento possa abrir irrestritamente o seu coração. A autonomia de quem faz o depoimento é completa e é importante ainda notar que não existe a necessidade de receber qualquer tipo de aprovação por parte dos demais membros do grupo. Ninguém pergunta sequer de onde o depoente veio e para onde está indo. Não há retorno em relação aos depoimentos que o membro faz. O alcoólico fala nas melhores condições, e também as mais adequadas, para que se estabeleça uma comunicação densa, profunda.

Quando o alcoólico passa a frequentar um grupo de A.A., vai conviver com os outros companheiros de forma mais próxima e realmente humana. É nesse relacionamento intenso e enriquecedor que o alcoólico vai ter a oportunidade de usar livremente a palavra, de forma irrestrita, com calma e profundidade porque todos os que estão presentes o escutarão em profundo silêncio, respeitoso e empático. Isso ocorre porque ele não recebe o direito de usar a palavra como um mendigo que, humilhado, recebe uma esmola mas sim porque tem, em si próprio, o direito de se expressar livre e espontaneamente, ficando apenas a ideia de que também os demais companheiros presentes numa reunião necessitam de igual oportunidade de doar as suas vivências. É quando vai ao encontro dos outros companheiros que desenvolve uma relação próxima que se caracterizará por uma oscilação entre duas realidades distintas e opostas: a singularidade do Eu e a pluralidade do outro ser humano.

A atenção fraterna dos que recebem o alcoólico no grupo abre espaço para que ele fale livremente e, ainda na primeira vez em que vai a uma reunião, lhe é oferecido o uso da palavra para se comunicar com os demais companheiros que, mais do que o recebem, o acolhem com amor de irmão, sendo que a oportunidade de se expressar lhe é repetidamente oferecida nas reuniões subsequentes do grupo. Mais tarde, vai também dialogar com o seu padrinho, que é uma escolha sua, em qualquer hora do dia ou da noite em que tenha necessidade. Mais adiante e quando na prática do Quinto Passo, vai ter nova e preciosa oportunidade de se comunicar com total profundidade acerca do que lhe é mais íntimo e também, usualmente, mais doloroso, e é quando encontra a oportunidade de tratar de problemas maiores, que ainda causam muito sofrimento. São momentos distintos, com características muito próprias, em que faz uso da palavra e também de modo diversamente enriquecedor.

Esse encontro tem, como resultado, a interação das suas experiências no mundo com as de outros alcoólicos, que também nele vivem. Nesse encontro, o companheiro ganha consciência da sua própria existência, como ser livre, e é também colocado na condição de ser um outro para o Outro. As posições são distintas e recíprocas nas relações do Eu com o Outro e do Outro com o Eu.

O olhar do outro põe o Eu no mundo mas, ao mesmo tempo, o separa desse mesmo mundo e é nesse momento que o Eu vai encontrar seus próprios limites, fato de importância fundamental para a recuperação. O Outro é diferente e esse é um direito que ele tem, direito de nascença de ser diferente, de ser o que é. O que resulta, o que se tem é o universo do Eu entrando em contato estreito e intenso com o sistema de referências do Outro. É nessa troca enriquecedora de interiores que se encontra o ponto de partida para a construção do universo do Eu, de fundamental importância porque, antes, na terra do Eu não havia nenhuma esperança para o Outro porque o Eu, até então, neutralizava tudo que lhe era estranho.

É somente através do rosto e da fala que pode o Eu chegar ao Outro, como sendo seu vizinho. Desenvolve-se, desse modo, uma nova forma de aumentar o conhecimento do Eu e de saber que ele tem origem fora da sua própria subjetividade. Esse fato é inteiramente novo e fruto da também de uma nova dinâmica que surge do relacionamento entre os companheiros.

Na tradição bíblica e judaica, Deus é definido como Rosto ou como Olhar e o rosto faz sentir a existência e a proximidade de um Poder Superior. O outro chega ao encontro como fala, o falar envolvendo a voz, a voz envolvendo o ar, que é o símbolo do espírito. O Eu deixa o casulo egoísta e começa, com bondade enraizada no coração, a viagem em direção ao rosto espontâneo do Outro e é nesse momento que o Eu se sente responsável pelo Outro, a responsabilidade que vem do rosto inquisitivo do Outro. A diferença entre o Eu e o Outro é entendida como uma não indiferença do Eu em relação ao Outro mas sim como responsabilidade. O Eu pode então descobrir que a justificação da sua própria existência está enraizada na responsabilidade que sente pelo Outro.

A essa altura é oportuno, por esclarecedor, lembrar o pensamento do escritor José Saramago: “Somos a memória que temos e a responsabilidade que assumimos. Sem memória não existimos, sem responsabilidade talvez não mereçamos existir”. Responsabilidade é a qualidade ou estado de ser responsável, com confiabilidade moral, legal e mental, sendo a confiabilidade a qualidade ou estado de ser confiável, de ser digno de confiança. Do Eu ético, vem a capacidade humana de responder e de decidir, e é lá que está a fonte, a origem da responsabilidade. É o local onde ocorre o silencioso desafio daquele que ainda sofre, do “Outro”, por um lado e, por outro, a minha dedicada e desprendida responsabilidade. A responsabilidade pelo Outro é o que constrói verdadeiramente o indivíduo, o ser único que cada um de nós é, uma vez que, na decisão de ser para o “Outro”, ninguém pode ser substituído e, por isso, nada é mais digno no ser humano do que a responsabilidade total, que não exige reciprocidade mas que é apenas generosa e desinteressada. Ser humano é ser para o Outro, pois que não há humanidade sem relação ética, sem escuta e abertura para o que o rosto do Outro tem a dizer e pedir. Se, frente ao Outro, eu nada fizer, não há encontro, não há relacionamento ético. O Outro é alguém a quem podemos acolher, dar abrigo, deixando que use a palavra para nos dizer o que quiser.

A humanidade do Eu está no ato de responsabilidade. Aqui estou eu e eu não espero nada de você. Por outro lado, qualquer que seja a distância entre o Eu e o Outro, ela é sempre a garantia de não indiferença. Acolher pacificamente o Outro significa estar disposto a não ocupar o primeiro plano, não ditar regras, não impor interesses ou vontades próprias. O Outro chega desarmado, despojado de bens e títulos, e também dos seus contextos. Quando o acolhemos desse modo, não importa que o alcoólico seja rico ou pobre, desta ou daquela raça, cultura, religião, ideologia, exercendo essa ou aquela profissão, com esse ou aquele cargo, com esse ou aquele passado, com esse ou aquele presente pois que nada disso importa ou conta e é por essa razão que, no encontro face a face, o acolhimento ocorre sempre desse mesmo modo. E não só

ele é um modo novo de se comunicar entre pessoas mas também entre povos e países e, embora não seja fácil, muda os seres humanos como um todo e talvez aí esteja o entendimento do fato de que a Irmandade de Alcoólicos Anônimos esteja praticamente em todos os países do mundo.

Uma das coisas que aprendemos nessa maneira humana de se relacionar é que nos tornamos tolerantes com os diferentes. Mas aí a tolerância não é apenas o que se entende por complacência, indulgência ou aceitação. Ela passa a ser um direito que vem do Outro, que o Outro tem e é, por outro lado, o modo que o Eu tende a ficar mais perto de si mesmo, da sua própria humanidade. É oportuno lembrar que, habitualmente, os companheiros entendem que a tolerância é dirigida a alguém e fruto de alguma bondade especial da parte de quem a oferece, que seja algo que se faz por alguém; mas a realidade é que o “Outro” tem o mesmo direito de existir, ele está lá. Diante desse fato, ocorre uma reflexão sobre o Eu, uma flexão para dentro, e com ela se abre o caminho para uma humanidade mais humana do Eu porque, afinal e, sobretudo, esse Outro tem direito de também existir.

Como o Outro tem direito de existir, a minha tolerância em relação a ele não é mais um ato de benemerência e passa a ser uma qualidade minha, do Eu, e, repetindo, porque o Outro tem o direito de existir, direito dele, que não lhe posso suprimir. A tolerância me conduz a me examinar, a ver como está a minha relação com os demais companheiros do grupo e com as pessoas com quem convivo. Tenho sido excessivamente crítico? Áspero? Arrogante? Agressivo? E vai por aí. O alcoólico, quando em Alcoólicos Anônimos, entra num processo de autocrítica, de autoexame e, nele, a sua humanidade se torna mais humana; ganha espiritualidade. O alcoólico fala também para si mesmo. É o conhecimento voltado para a consciência de si, ou seja, para a reflexão. O espírito crítico, em vez de ser apenas dirigido aos outros, é também aplicado a si mesmo. Fala também para dentro.